

Pierre FOUGEYROLLAS

MORTS ET RÉURRECTION  
DE LA PHILOSOPHIE

Libres propos sur quelques problèmes  
du millénaire nouveau

OUVERTURE PHILOSOPHIQUE



FOUGEYROLLAS, Pierre. **Morts et résurrection de la philosophie.**  
**(Mortes e ressurreição da filosofia).** Paris, L'Harmattan, 2008.<sup>1</sup>

por Pierre Ansart<sup>2</sup>

Antes de nos deixar, em maio de 2008, Pierre Fougeyrollas havia finalizado a redação de um manuscrito considerável que seus próximos se encarregaram de editar. A ambição dessa obra é excepcional: o autor se propõe a narrar os grandes momentos e as grandes linhas das culturas que atravessaram a história e construíram, através de mortes e renascimentos sucessivos, isto que hoje são as problemáticas de nosso tempo. Um projeto assim ambicioso pressupunha que da parte do autor duas condições fossem satisfeitas: o **domínio de uma cultura enciclopédica** e uma **minuciosa arte de escolhas e de limites**. Essas duas condições são amplamente realizadas em *Mortes e ressurreição da filosofia*. O autor não hesita em recorrer a todas as ciências humanas e sociais, da antropologia à história antiga e contemporânea, da filosofia, da linguística à sociologia, mais preocupado em realçar os fatos e seus sentidos do que as distinções e segregações entre as escolas. Ademais, as escolhas e as sínteses obedecem a uma opção inicial e permanente: a de recordar apenas os momentos culturais e intelectuais que conduziram, direta ou indiretamente, aos problemas de nossos tempos. Na verdade, a maior preocupação dessas trezentas páginas é a de bem cruzar a história para melhor compreendê-la hoje.

### **A criatividade, a ciência e as técnicas, a filosofia**

Desde as primeiras linhas do capítulo sobre o pensamento religioso, a questão posta é saber: para além da diversidade de crenças de caráter religioso, existiria uma intuição comum do sagrado, um denominador sagrado comum que pudesse atestar a unidade dos

---

<sup>1</sup> Tradução de Jamile Gonçalves.

<sup>2</sup> Professeur Emérito de Sociologie da Universidade Paris 7 – Denis Diderot.

fenômenos sagrados? Se nos lembrarmos da multiplicidade de crenças tradicionais, da história atormentada dos monoteísmos, da violência das guerras religiosas, duvidaríamos. Contudo, desde as pinturas rupestres à disposição dos túmulos, revelam-se dois elementos irreduzíveis e fundantes: *o culto dos ancestrais* e *o pertencimento ao cosmos*. O culto dos ancestrais referindo-se ao apego aos mortos e à esperança de uma transcendência da morte. A partir destas crenças, múltiplas formas do sagrado vão aparecer, desde a sacralidade dos deuses ao culto dos heróis. Tendo em vista esses fenômenos que perduram e se repetem, não deveríamos duvidar das afirmações weberianas sobre o *desencantamento do mundo*? Pelo termo "criatividade", compreender-se-á aqui não apenas as belas-artes tais como a pintura ou a música, mas também todas as formas de expressão: a dança, a poesia, a literatura, o teatro e, mais recentemente, o cinema. A abundante história destas criações ressalta, novamente, as ligações conscientes e inconscientes com o pensamento religioso: os cânticos, as lendas, as representações de deus marcam, em inúmeras culturas, o entrelace com o sagrado antes da autonomização das diversas formas de expressão. A atenção se põe, merecidamente sobre as belas-artes e, notadamente sobre a Renascença, período excepcional de inventividade e de tomadas de consciência: debates múltiplos entre as diferentes escolas, pesquisas de novas ligações entre o sagrado e o profano. Mas os períodos mais recentes também abriram novas vias não previsíveis, tais como a poesia e as diferentes figuras do surrealismo. A terceira "categoria" consagrada ao "Gênio científico e técnico" ilustra também, e sem ambiguidades, uma forma de criatividade. Mas a reflexão sobre essa linha de pensamento, que continua, acentua a originalidade desse "gênio" se retomarmos sua história desde os primeiros passos – os da inteligência animal. São outros os caminhos aqui traçados e que engendram novas relações com a natureza. E, mais recentemente, são ainda outras as relações e outras atitudes que provocam os desenvolvimentos excepcionais das ciências e das técnicas. No meio do século XIX, Renan pôde afirmar que a racionalidade da ciência lhe havia comunicado a dignidade de uma religião verdadeira, e que os progressos contínuos dos saberes científicos assegurariam à humanidade um futuro de progresso ilimitado. Ora, as destruições, as barbáries das duas guerras mundiais do século XX fizeram romper essa grande ilusão do cientificismo. O lugar e o reconhecimento das funções reais dos saberes científicos foram relativizados aos olhos dos públicos e dentre os especialistas das diferentes ciências.

Como era de se esperar, o capítulo consagrado à filosofia dá lugar a uma grande riqueza de reflexões, de exemplos e de referências. De Parmênides aos estoicos, de Descartes a Hegel, de Kierkegaard a Heidegger, o pensamento filosófico não cessou de se renovar e de se reorientar, confirmando a riqueza de sua criatividade intelectual. É bem essa renovação das inventividades que forneceu o tema geral exprimido pelo título do livro: filosofias de diferentes escolas proclamaram a conclusão, a "morte" da filosofia: o cinismo grego; as religiões dogmáticas; Nietzsche; o marxismo na sua versão materialista. A reflexão perdura mais longamente nesse último exemplo que convocava a esquecer as questões filosóficas em prol do aproveitamento de um saber materialista liberto definitivamente das ilusões idealistas. Exemplo, com efeito, considerável por seus efeitos e sobrevivências. Mas, e como afirma o título das obras, a reflexão filosófica não cessou, desde Sócrates, de

renascer e de se renovar. De fato, e malgrado a inventividade prodigiosa das filosofias, as questões fundamentais permanecem no que diz respeito ao futuro das sociedades humanas, à evolução das culturas fissuradas entre as forças uniformizadoras e seu pluralismo individualizante, a evolução imaginável das relações de força entre as potências atuais ou emergentes na escala mundial.

### **Após as mortes sucessivas e as promessas não cumpridas**

Qual pode ser o futuro factível? Após essa retomada carregada de histórias, não há, certamente, como imaginar um futuro sem passado e sem memória. Já encontramos algumas experiências fundamentais, alguns princípios, que não poderão se manifestar no futuro da forma como aconteceu no passado. Não é possível escolher arbitrariamente entre o pessimismo e o otimismo a partir de algumas reações subjetivas.

Podemos, proveitosamente, começando a examinar essas novas questões, relembra as promessas da modernidade, e as que foram cumpridas, quatro dentre as quais:

- a) o domínio da natureza,
- b) o controle dos governos pelos cidadãos,
- c) a crença no progresso da razão,
- d) a afirmação do indivíduo como valor.

Até o fim do século XIX, a primeira dessas promessas (a dominação da natureza pelos seres humanos), foi, dentre as quatro, a melhor realizada e aquela sobre a qual a maioria das opiniões não chegavam a questionar. E, com efeito, a revolução industrial, desde os anos 1800, demonstrava ao planeta o poder crescente dos homens sobre o mundo. A civilização ocidental podia acompanhar essa caminhada conquistadora e transformar os obstáculos encontrados em atrasos acidentais destinados a serem superados. O espaço e o tempo não eram transformados pelas invenções industriais? As guerras desencorajaram esse entusiasmo e mostraram que esses progressos poderiam se voltar contra seus autores. Da mesma forma, o controle dos governantes pela opinião pública frequentemente foi suprimido, a razão posta em cheque, a pessoa humana desprezada. Em vez da sociedade racional esperada, vimos se desenvolver uma sociedade de consumo, assombrada pelos bens materiais, e massificada pela generalização das comunicações. A sociedade atual é marcada por duas derrocadas principais: a do comunismo transformado em totalitarismo e a da economia de mercado geradora de desigualdades insuportáveis e de revoltas da miséria.

A humanidade se encontra face a face com uma série de desafios; o do crescimento numérico da população, da ampliação da lacuna entre as necessidades e os recursos, estes últimos ameaçados pela industrialização e pelo desafio ainda mais grave da extensão das armas de destruição massiva. Desafio e contradição entre a proliferação das comunicações e as regressões das sociedades massificadas.

Apesar de este quadro parecer apocalíptico, não é de forma alguma o projeto de Pierre Fougeyrollas se ater aí. O objetivo dessa longa obra é, ao contrário, sublinhar a urgência de um "*novo pensamento*" e de sua possibilidade. No termo do capítulo sobre as religiões, sobre as criatividades, sobre as ciências, as técnicas e as filosofias, se revelam

convergências profundas comumente despercebidas. A partir dessas coerências, outra modernidade é possível que três adjetivos caracterizam: *cósmica* (que torna possível a mundialização das comunicações), *lúdica* (sobre o qual as ciências físicas e matemáticas oferecem as melhores ilustrações), *demiúrgica* enfim (a exemplo das artes que não cessaram de ser criadoras). Tratar-se-ia, em outros termos, de um outro mundo e de uma outra filosofia.

### **Em direção ao novo pensamento**

No prolongamento de seu livro *Vers la nouvelle pensée* (1994), o Fougeyrollas ressalta que o novo pensamento é o herdeiro de toda a história da filosofia, em especial, segundo seu ponto de vista, de Hegel e de Freud. Recusando todo o dogmatismo, ele ultrapassa o ideal clássico do racionalismo integrando o irracional e o imaginário na reflexão. Ele transcende a especialização das disciplinas, - considerando assim as instituições ou uma cultura dentro de um contexto social mais largo - de fato mundializado. Essa obra é um testemunho deste espírito globalizante. A clareza de expressão e o caráter vívido do desenvolvimento tornam a leitura aberta a interrogações no sentido do progresso na cultura contemporânea.